



COMPARTILHE SUAS MEMÓRIAS: UMA PRÁTICA CARTOGRÁFICA RELACIONAL

Eixo Temático 2 - Práticas de comunidades, grupos e indivíduos: processos de elaboração, identificação e preservação de referências culturais coletivas

Carolina Silva Tarocchi
Mestranda, UNESP, Brasil
carolina.tarocchi@unesp.br

Hélio Hirao
Professor Doutor, UNESP, Brasil
helio.hirao@unesp.br

* A revisão do texto é de responsabilidade dos autores

RESUMO

A cidade contemporânea, marcada pela valorização econômica e produtivista, enfraquece a identificação afetiva dos corpos com o espaço, por sua vez, tal característica influencia a maneira com que os patrimônios materiais são reconhecidos e zelados. Além disso, as novas configurações econômicas tendem a acelerar os estímulos, interesses e experiências. Como impulsionar o vínculo entre corpo e espaço nestas circunstâncias? O artigo provoca tais reflexões expondo brechas existentes na memória e no tempo lento do partilhar. “Compartilhe suas memórias” foi uma prática experimental que surgiu a partir do estudo do centro histórico e comercial de Presidente Prudente-SP, composto pelas praças Nove de Julho e Monsenhor Sarrion. O trabalho propõe uma investigação da relação tempo, memória e cidade através da compreensão das heterocronias urbanas, presentes tanto nas materialidades como nas corporalidades de seus habitantes. Como forma de vivenciar e compartilhar as múltiplas camadas temporais, o projeto propõe a prática artística relacional como método cartográfico. A arte relacional é aquela que surge a partir das experiências de proximidade entre os corpos, que visa o encontro como elaboração coletiva de sentido. Dessa maneira, o estudo compreende o fazer artístico como ferramenta de valorização do patrimônio cultural, através da articulação entre diferentes tempos e pessoas, recriando e compartilhando imaginários urbanos.

Palavras-Chaves: cartografia; memória; tempo; cidade; arte relacional.

ABSTRACT

The contemporary city, marked by the productivist, weakens the affective identification of bodies with space, in turn, this characteristic affects the way in which material heritage is recognized and cared. Also, the new capitalist configurations tend to speed up stimuli, interests, and experiences. How to maintain the link between body and space in these circumstances? The article induces such reflections by exposing existing gaps in memories and in the slow time of sharing. “Share your memories” was an experimental practice that emerged from the study of the historic and commercial center of Presidente Prudente-SP, more precisely the squares 9 de Julho and Monsenhor Sarrion. The work proposes an investigation of the relationship between time, memory and city through the understanding of urban heterochronies, presented both in the materialities and in the corporalities of its inhabitants. As a way to experience and share the multiple temporal layers, the project proposes relational artistic practice as a cartographic method. Relational art is that which arises from the experiences of proximity between bodies, which aims at the encounter as a collective elaboration of meaning. In this way, the study understands artistic making as a tool for valuing cultural heritage, through articulation between different times and people, recreating and sharing urban imaginaries.

Keywords: cartography; memory; time; city; relational art.

1.1.1 INTRODUÇÃO

Os moldes da sociedade do desempenho aceleram nossos estímulos, tudo é rapidamente substituído. É o tempo da velocidade dos carros, da rápida construção dos empreendimentos imobiliários, da internet, etc. Virilio (1991), ao analisar o impacto da aceleração tecnológica, assimila tal regime a perda de memória coletiva pois a duração técnica, segundo o autor, contribui para a implantação de um presente permanente. Assim, a perda da noção de temporalidade impacta na percepção espacial e a duração histórica é substituída pelo acelerado tempo da sociedade do consumo. Rodrigues e Tourinho (2017), assimilam os apontamentos de Virilio (1991) a uma concepção da urbanidade atual: “a cidade como um espaço de fins utilitários, de produção e lucro, no qual as ruas servem para desafogar o tráfego e as áreas de importância histórica para serem consumidas como mercadorias” (RODRIGUES; TOURINHO, 2017).

O artigo apresentado é um fragmento de uma pesquisa sobre o centro comercial e histórico da cidade de Presidente Prudente - SP, o trabalho geral buscou identificar práticas, invisibilidades e fenômenos através de uma leitura dos afetos que atingem o corpo quando este adentra o espaço de pesquisa. Desse modo, apresenta-se um método conexo ao acompanhamento dos processos e linhas rizomáticas²³, em que a cartografia surge como método de pesquisa-intervenção. “A cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação” (BARROS; PASSOS, 2009).

Portanto, a pesquisa é livre e modifica-se conforme o adentramento do plano de experiência. Cartografar seguindo o rizoma é poder adaptar, modificar, e reconstruir o pensamento. Cartografia é o mapa sem decalques e cópias, deriva do plano de experiência, do contato com o outro, da percepção dos sentidos e dos afetos, através dela é possível ver o múltiplo como diferença. “O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.21). É preciso fazer cartografia, mapa aberto e não fixo, coletivo, montagem que se desfaz e se reconstrói.

A cidade é entendida como lugar de fluxo, de movimento e relações coletivas, possui presenças de ausências, sobreposições temporais, históricas e políticas. Procurar compreender essa complexidade, que muda a cada passo em sucessões e intensidades variáveis, não é possível através de uma análise panorâmica, torna-se necessário o penetrar-se nessas heterogeneidades. Esse adentramento é realizado pelo ato da deriva, termo de matriz situacionista, que propõe o ato de caminhar sem rumo definido, sendo o acaso definidor do percurso. Guy Debord é o responsável por descrever a prática da deriva, de acordo com o autor, “o conceito de deriva está ligado indissolavelmente ao reconhecimento de efeitos da natureza psicogeográfica, e à afirmação de um comportamento lúdico construtivo, o que se opõe em todos os aspectos às noções clássicas de viagem e passeio” (DEBORD, 2003, p.1).

²³ Modelo epistemológico proposto pelos filósofos Deleuze e Guattari (1995). O rizoma, é o pensamento que valoriza o múltiplo, nele entram-se por qualquer lado, percorre-se por qualquer sentido, subtrai-se a unidade, é sempre n-1. No rizoma não existe hierarquia, ordem ou profundidade, ele se estende ao infinito, é a grama ou a erva daninha, que brota pelos vazios e com o tempo preenche o espaço.

Desse modo, como parte de um estudo rizomático e descendente do adentramento pelo caminhar e da vivência corpórea, a ação final propõe uma cartografia coletiva experimental, com a perspectiva de desacelerar o tempo produtivista e despertar heterocronias urbanas, os múltiplos tempos coexistentes na materialidade e nos corpos. Nessa busca, a arte relacional emerge como forma de ativar memórias e identidades, acionando visibilidade e relações para com o patrimônio, por vezes ofuscado pelo impaciente cotidiano.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 A CIDADE HETEROCRÔNICA

O anacronismo assusta, constitui o pecado da historiografia, porém, é o que inevitavelmente existe. Diferentes tempos coexistem em um determinado período, são as sobrevivências e influências que um tempo exerce em outro, em uma cidade, por exemplo, um prédio modernista, uma igreja barroca e a mais recente construção podem dividir essa mesma ambiência. Ademais, não existe estudo historiográfico que não carregue consigo as influências de sua conjuntura presente. A própria memória é anacrônica, uma montagem do passado que não existe mais. É nesse sentido que o anacronismo, como apresenta Didi-Huberman (2015), configura a pedra no sapato dos historiadores, é a *bête noire*, o que se rejeita, mas sempre volta.

Tal é, portanto, o paradoxo: dizem que fazer história é não fazer anacronismo; mas dizem também que somente é possível voltar ao passado pelo presente de nossos atos de conhecimento. Reconhecemos, então, que fazer história é fazer - ao menos - um anacronismo (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 36)

Como apropriar-se desse paradoxo? questioná-lo ou apagá-lo? Didi-Huberman (2015) propõe assumir o risco do anacronismo, pois se por um lado ele torna-se o efeito da ficção que assume todas as discordâncias na ordem temporal (fechamento da história), de outro ele viabiliza a abertura da história, compreende um modelo de tempo mais complexo e genuíno, o tempo dos múltiplos processos da memória. “É provável que não haja história interessante senão na montagem, no jogo rítmico, na contradança das cronologias e dos anacronismos” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p.42). Assim, a prática controlada do anacronismo é proposta como via de entendimento das complexidades do tempo, das “sobras e dos restos de tempos distintos que sobrevivem ou ganham uma sobrevida em outros tempos” (JACQUES, 2018, p. 221).

Ao adentrar o espaço urbano passa-se a coexistir com a diversidade do tempo. As construções, as ruínas e os gestos que permanecem no espaço e no corpo são sinais do tempo que continua e concomitantemente transforma-se. As heterocronias urbanas correspondem às coexistências de tempos descompassados, é o tempo dentro de outro tempo. O encontro entre o “Agora” com o “Outrora” provoca desvios, choques e estranhamentos, é a percepção da não linearidade, do tempo múltiplo, anacrônico.

São resquícios de diversos tempos: de diversos planos de futuro passados que acompanham a história do lugar (materializados ou apenas idealizados); de diferentes temporalidades, associadas às práticas urbanas (oficiais ou desviantes); de planos de futuros (im)postos no presente, que não param de irromper (JACQUES, 2017, p.320).

Bosi (1994) diz que as lembranças se assentam nas pedras da cidade e ficam presentes nos afetos. É o afeto materializado nas construções, no chão das cidades, que erroneamente é visto como paralisado, congelado em determinado período. A cidade carrega a dinâmica, nela

ligações são gravadas e redigidas, muitas vezes é o espaço, o interlocutor que resgata as memórias que foram guardadas e desperta, paralelamente, o choque com o novo, com as dinâmicas do “Agora”.

Mas a cidade não envolve apenas a memória das estruturas e das materialidades. Os corpos guardam suas experiências, dialogam com esses espaços e através desse contato configuram-se e adquirem suas características. Cada corpo age através de uma memória incorporada, fruto da interação com esse espaço. Em vista disso, Britto e Jacques (2008) desenvolvem o conceito de corpografia, tipo de cartografia realizada, mesmo que involuntariamente, pelo corpo. Corpografia é a memória inscrita no corpo, gerada a partir da vivência com a cidade e que dita a maneira como o corpo se comporta no espaço urbano.

2.2 A IMPOSIÇÃO TEMPORAL

A cidade reflete os modos de organização da sociedade. Se por um lado, este reflexo é uma consequência das relações de poder e arranjos sociais, por outro lado a própria construção do espaço passa a ditar e produzir corpos e suas subjetividades. De acordo com Guattari e Rolnik (1996), os modos de produção capitalísticos²⁴ constituem processos de subjetivação. A Subjetivação capitalista, recorrente inclusive inconscientemente, confere uma conduta homogênea e subordinada, esse comportamento é resultante da cultura de massa que pretende padronizar os corpos, atingindo os comportamentos, a sensibilidade, a percepção, a memória, as relações sociais, as relações sexuais, o imaginário, etc. Em contraste a esta subjetivação, encontram-se os processos de singularização que recusam estes parâmetros preestabelecidos de comando. Portanto, a singularidade luta contra a individualização, contra os processos de subjetivação impostos pelo capitalismo.

Ele concebe a subjetividade como produção, e considera que uma das principais características dessa produção nas sociedades “capitalistas” seria, precisamente, a tendência a bloquear processos de singularização e instaurar processos de individualização. Os homens, reduzidos à condição de suporte de valor, assistem, atônitos, ao desmanchamento de seus modos de vida. Passam então a se organizar segundo padrões universais, que os serializam e os individualizam. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 38)

Rago (2015), resume previamente as relações de poder e suas materializações no espaço. A autora relembra a sociedade disciplinar colocada por Michel Foucault e como suas características reinam na cidade do trabalho e da produtividade. Na cidade disciplinar, a arquitetura da vigilância é a responsável pela imposição do tempo estritamente regulado e definido, “o poder se encarrega de todos os momentos da vida dos cidadãos, evitando fugas, desvios, escapes imprevisíveis, encontros inesperados e indesejados, contestações e revoltas” (RAGO, 2015, p.24). Ocorre-se assim, a produção dos “corpos dóceis”, indivíduos produtivos e submissos.

Atualmente, as novas configurações da globalização capitalista e da economia neoliberal modificaram determinados parâmetros dessa sociedade disciplinar. Segundo Rago (2015), na pós-modernidade a fábrica abre lugar para o empreendedorismo, o “corpo dócil” transforma-se

²⁴ Guattari acrescenta o sufixo “ístico” como maneira de abranger todas as sociedades capitalistas, independentemente do grau de desenvolvimento que se inserem. Segundo o filósofo, todas são atingidas pelo processo de subjetivação.

no “homem flexível” que deve ser capaz de se auto administrar e ser multifuncional. O tempo, não é mais rigidamente controlado, o tempo de lazer confunde-se com o tempo do trabalho, é preciso saber administrá-lo, ser eficiente, a felicidade torna-se sinônimo de organização e lucro. A individualização radicaliza-se, associações operárias desfazem-se, o outro converteu-se em apenas mais um número, uma foto, o contato tornou-se virtual. “A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais sujeitos da obediência, mas sujeitos de desempenho e produção” (HAN, 2010, p. 25).

Na sociedade do desempenho, a proibição e a negatividade da sociedade disciplinar não são tão poderosas quanto a liberdade e a positividade (HAN, 2010). O sujeito do desempenho é mais rápido que o obediente e mais disciplinado, pois o dever é o que condiciona seu sucesso. O explorador torna-se o próprio explorado, vencer é conseguir obedecer a si mesmo. Não há tempo para o ócio, o tédio é seu maior inimigo, é preciso ser ativo, prestativo, “aproveitar” cada segundo. O tempo contemplativo torna-se desnecessário pois não produz lucro, descansar é falhar, é ser preguiçoso.

Perde-se assim os sentidos na sociedade do desempenho, vende-se o tempo puro da criação que o ócio proporciona. As heterocronias abrem mão para o eterno presente, o embate temporal desfalece, as memórias são esquecidas, se esvaziam.

Só demorar-se contemplativo ter acesso também ao longo do fôlego, ao lento. Formas ou estados de duração escapam à hiperatividade. Paul Cezanne, esse mestre da atenção profunda, contemplativa, observou certa vez que podia ver inclusive o perfume das coisas. Essa visualização do perfume exige uma atenção profunda (HAN, 2010, p. 36).

O excesso de positividade, de independência, da meritocracia resulta em uma sociedade depressiva, com altos índices de ansiedade, hiperatividade e outras doenças neuronais. Para Han (2010), a sociedade do cansaço simboliza uma sociedade isolada e por isso, apaziguada de conflitos. Nas cidades, esses processos de subjetivação implica no reforço da organização geográfica segregacionista, na formação de “bolhas sociais”, nas quais cada setor social, étnico e de gênero possui sua determinada localidade e seguem padrões de conduta e relacionamento. Torna-se fácil negar o diferente, o embate não ocorre mais no inesperado encontro no espaço, tudo é programado e de fácil separação.

O mundo organizado imunologicamente possui uma topologia específica. É marcado por barreiras, passagens e soleiras, por cercas, trincheiras e muros. Essas impedem o processo de troca e intercâmbio. A promiscuidade geral que hoje em dia toma conta de todos os âmbitos da vida, e a falta da alteridade imunologicamente ativa, condicionam-se mutuamente. (HAN, 2010, p.13)

Como abrir brechas, desvios, fazer surgir o tempo puro da contemplação, numa sociedade moldada pelo consumo, desempenho e pelo cansaço? Como parar o tempo acelerado? Como impulsionar o singular? Como ativar o choque temporal das heterocronias, das múltiplas memórias?

2.3 A ARTE RELACIONAL COMO VIA DE UMA NOVA TEMPORALIDADE

Em uma sociedade na qual os moldes segregacionistas mascaram o encontro e o embate, a arte urbana surge como forma de ativar encontros e questionamentos. Segundo Britto e Jacques (2009), a interdisciplinaridade entre arte e urbanismo não se refere a um encontro

entre setores, mas o caminho para uma transitividade das áreas. As conexões entre arte e urbanismo tornam-se indispensáveis para mobilizarem experiências re-organizativas de seus regimes. A arte ao abandonar os espaços fechados e adentrar a cidade fortalece a dimensão cultural do espaço público e passa a agir no processo de singularização, pois torna-se embate contra as práticas instituídas. A arte urbana transforma as relações cidadinas em um rizoma, “gerando estruturas ínfimas que se ramificam pelas estruturas tecnocráticas, alterando seu funcionamento, articulando-se sobre detalhes poéticos do cotidiano” (PAES, 2018, p.43).

Muitas ações artísticas no espaço urbano tendem a fomentar a criação de laços através do encontro e do contato, em muitos desses casos, a arte apenas existe através da participação e do coletivo, torna-se uma cartografia interativa entre corpos. Em 1998, o curador e crítico francês Nicolas Bourriaud publica o livro *Estética Relacional*, essa obra passou a ser significativa por ter lançado um termo que demarca a ideia de participação na arte contemporânea. Bourriaud (2009) define arte relacional como uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social. O autor destaca a tendência da arte contemporânea em valorizar uma cultura urbana mundial, uma urbanização crescente da experiência artística que intensificou experiências de proximidades, que visam o estar-juntos, o “encontro”, permitindo uma elaboração coletiva do sentido.

Nas palavras de Silva (2015), “ao criticar o modernismo, não apenas como movimento estético, mas como plano urbanístico, o crítico aborda a intensificação da circulação no espaço público como sendo determinante na constituição subjetiva” (SILVA, 2015, p.202). Estas práticas artísticas também interagem com o imaginário simbólico existente na cidade, buscando questionar ou recriar novos imaginários, como maneira de descolonizar padrões de subjetivação. Ao participar das ações artísticas, o corpo integrante assume um olhar crítico perante a percepção política e o sentido histórico, a postura ativa permite a reinvenção das relações entre espaço, tempo e memória.

O patrimônio cultural, por seu teor simbólico e sua significação, funciona como suporte para evocar memória/esquecimento, como fenômeno social que articula passado e presente (re)criando e (re)definindo os imaginários urbanos. A prática artística, nesse contexto, configura-se como dispositivo privilegiado, uma espécie de tecnologia de processamento sensorial com a potencialidade para, no encontro com o outro, fazê-lo sair da posição de observador neutro, testemunha imparcial, indiferente, e colocá-lo também em ação, a mover-se, percebendo e transformando o lugar, enquanto nele se percebe, performa. (AMARAL, 2020, p. 61)

A pesquisa encaminhou-se na potencialidade de criar brechas e desvios na cidade produtiva através da arte relacional urbana, como forma de evidenciar as heterocronias e as memórias esquecidas das materialidades, sobreviventes nos corpos e em suas vivências.

2.4 AS PRAÇA NOVE DE JULHO E MONSENHOR SARRION

A ação proposta adentra os territórios de duas praças da cidade de Presidente Prudente-SP: Nove de Julho e Monsenhor Sarrion. Ambas correspondem aos primeiros espaços públicos da cidade e se localizam no centro histórico e comercial.

Figura 1:Localização recorte e entorno



Fonte: Tarocchi, 2022

A praça Monsenhor Sarrion foi inaugurada na década de 1940 após o término da construção da Catedral de São Sebastião. A catedral tornou-se um marco na cidade, ao seu redor eventos religiosos aglutinam grande número de pessoas. Na década de 1980 a praça contava com um coreto e um espelho d'água que foram demolidos para dar lugar a um estacionamento, inicialmente apenas para eventos religiosos. De acordo com Cristóvão (2018), para que não houvesse outras alterações a praça foi tombada pelo município em 1985, porém esse tombamento foi revogado posteriormente. Atualmente a praça tornou-se definitivamente um estacionamento, com cobrança de taxa de permanência, o caráter de praça é deslocado para as laterais nas quais pontos de ônibus impulsionam a permanência das pessoas. Aproveitando esse fluxo de permanência, vendedores de pipoca, de caldo de cana e de frutas, praticam seus ofícios.

Em frente a praça Monsenhor Sarrion localiza-se a praça Nove de Julho, inaugurada em 1933 (ABREU, 1972). Antes de se tornar praça, o terreno adquirido pela municipalidade já nos primeiros anos da cidade, era um vazio desgracioso, prejudicado pelo lamaçal. Era neste terreno, que aconteciam as quermesses, os comícios e o circo. A transformação da quadra em jardim público "constituía velha aspiração dos prudentinos, um local onde pudessem passar algumas horas de lazer e os jovens realizar o *footing*" (ABREU, 1972, p.309). Em sua configuração inicial, contava com um coreto e uma fonte, internamente era recortada por canteiros com vegetação.

De acordo com Bispo (2011), na década de 1950, o modismo das praças desarborizadas com fonte luminosa atingiu a praça, o coreto foi demolido, a fonte transformada e o desenho da praça modificado. Na década de 1960, os primeiros prédios da cidade foram erguidos no entorno da praça. Nos anos 1980, novos equipamentos foram construídos, como o teatro de arena e as mesas para jogos, nesse período a praça contava com um famoso bar da cidade, localizado onde hoje encontra-se o posto policial, chamava-se "o jardineiro", era ponto de encontro da juventude na época. Segundo Cristóvão (2018), nos anos 2000, a praça sofreu algumas reformas, incluindo a construção da base da polícia militar e o recuo da calçada na porção oeste para a criação de pontos de ônibus. Em 2012, juntamente com a reforma do

calçada, ocorreram mudanças na praça, os pontos de ônibus deixaram de existir e o desenho do piso e os mobiliários foram modificados.

Abrigo de diversos territórios, como a de homens que jogam baralho e de moradores em situação de rua, a praça continua funcionando como um importante marco da cidade, caracterizada pela grande movimentação de transeuntes que se deslocam pelo centro histórico e comercial.

Na primeira parte do trabalho, no qual foram realizadas derivas pelo recorte²⁵, encontros e conversas aconteciam, parte das trocas e dos diálogos auxiliaram na proposta da ação posterior, pois despertaram o anseio em descobrir mais memórias e lembranças sobre as praças.

2.5 A AÇÃO PRÁTICA E O ANSEIO POR UMA CARTOGRAFIA COLETIVA

A primeira etapa da ação desenvolvida nas praças consistiu na coleta dos vestígios das praças presentes nas lembranças das pessoas que já as vivenciaram ou que as vivenciam. Para reunir mais memórias do que as obtidas oralmente, experimentou-se divulgar um formulário via internet. O objetivo era que as pessoas compartilhassem livremente os afetos que guardavam sobre as praças, como uma conversa descompromissada. Para a difusão do formulário pensou-se em dois meios, o primeiro através de lambes com código QR distribuídos nas praças e em seus arredores e o segundo por meio das redes sociais.

No total, vinte e quatro pessoas compartilharam suas memórias²⁶. Verificou-se que as praças não eram só lembradas pela sua arquitetura ou pelas características visuais de seus espaços, mas também recordava diversas outras pessoas, cheiros e sons. Observou-se que as memórias se conectam, mesmo sendo particulares de cada corpo, repetiam-se, formando um grande vínculo. Muitos informaram sobre o gosto e cheiro das pipocas, do toque e cheiro da água da fonte, das brincadeiras e passeios com familiares, do gosto das guloseimas vendidas, das paixões encontradas, da época de natal em que se iluminava o espaço, do cheiro ruim dos pombos e do movimento dos pássaros.

Após o recolhimento das memórias, uma exposição na praça Nove de Julho foi pensada como forma de compartilhar as lembranças com a população. Imprimiu-se excertos dos relatos juntamente com fotografias que se relacionavam com as memórias. Em papéis coloridos, foram impressas palavras que se repetiram em diferentes memórias relatadas. No dia 6 de abril de 2022, as fotografias com as memórias e as palavras foram penduradas em varais espalhados pela praça Nove de Julho (Figura 1). Nesse dia também ocorreu uma ação interativa com a população (Figura 2), iniciada durante a manhã e finalizada ao final da tarde. No anfiteatro da praça um ambiente foi montado como forma de acolher, conversar, desenhar e compartilhar novas memórias das praças.

²⁵ Para acesso ao trabalho integral, ler Tarocchi (2022).

²⁶ Acesse o link para ler as memórias compartilhadas:

<https://carolinarocchi.wixsite.com/compartilhememorias/mem%C3%B3rias>

Figura 1: Exposição das memórias coletadas



Fonte: Tarocchi, 2022

Figura 2: Ação interativa com a população



Fonte: Tarocchi, 2022

3 RESULTADOS/ANÁLISES

Durante a ação, consegui me aproximar dos moradores da praça, entre eles, de um verdadeiro fã de Turma da Mônica e do dono de um cachorro agitado chamado Thor. Conheci a história de Elizel, um trabalhador da construção civil morador de Álvares Machado. Talys, filho da vendedora de frutas da praça Monsenhor Sarrion, foi o primeiro a se aproximar do pequeno espaço improvisado e permaneceu até o final do dia, ajudando a recolher os objetos levados. Thor corria para lá e para cá, enquanto estudantes conversavam nos bancos do teatro, os moradores bebiam, papeavam e dormiam, as pessoas se deslocavam, tomavam caldo de cana e sorvete, os jogadores de baralho lotavam as mesas de xadrez. O vento estava forte, balançando as fotografias de um lado para outro, parecia acelerado como quem corria com as compras atravessando a praça. No fim da tarde Tainam apareceu, o garoto tinha 16 anos e

histórias sem perceber, vamos sempre de carro porque é mais rápido, assim o automóvel obtém a cidade. Entretanto, as heterocronias resistem, em meio ao caos e a correria, as praças persistem abrigoando os corpos desviantes. Muitas memórias foram redigidas e compartilhadas, mostrando o potencial afetivo provocado pelas camadas temporais que se cruzam e se sobrepõem no espaço. As multiplicidades e apropriações verificadas nessa ambiência, mesmo com as restrições de um mundo pandêmico, permitem comprovar que precisamos de espaços públicos e abertos, necessitamos do encontro, da troca, do contato. A cidade desvio é aquela que permite essas multiplicidades, permite um tempo livre, que se modifica na permanência como as lembranças, lugar que afeta, que se acumula em um infinito cone invertido, em um infinito rizoma.

REFERÊNCIAS

- ABREU, D. S. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente**. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972.
- AMARAL, Lilian. Entre territórios: arte, memórias, cidade (In)visibilidades urbanas. **Memoricidade**. p.58-68, V.1, n.1. São Paulo, 2020
- BARROS, R. D. B.; PASSOS, E. A Cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Eduardo Passos; Virgínia Kastrup; Liliana da Escóssia. (Org.). **Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 1a ed. Porto Alegre: Sulina, 2009, v., p. 17-31.
- BISPO, T. M. S. **As Praças Centrais de Presidente Prudente - SP: avaliação do caráter como subsídio para intervenções projetuais**. Presidente Prudente: 2011. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009
- BRITTO, F.; JACQUES, P. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. In: BRITTO, F.; JACQUES, P. (Orgs.). **Paisagens do Corpo**: Cadernos PPGAU –FAUFBA. Salvador, número especial, Edufba, p. 79-86, 2008.Z
- _____. Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 337-359, maio/ago. 2009.
- CRISTÓFANO, Maria Eduarda Suguimoto de. Eixo que resiste, cidade que existe: vitalidade das praças centrais de Presidente Prudente – SP e requalificação da praça da bandeira. Dissertação (Graduação) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2018
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, v. 1, 1995

DIDI-HUBERMAN, G. **Diante do tempo: história da arte e anacronismos das imagens**. Tradução de Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999. HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015

JACQUES, P.B. Pensar por montagens. In: JACQUES, P.B., and PEREIRA, M.S., comps. **Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar** [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 206-234.

PAES, Brígida Moura Campbell. **Arte para uma cidade sensível: Arte como gatilho sensível para a produção de novos imaginários**. 2018. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RAGO, Margareth. **Inventar outros espaços, criar subjetividades libertárias**. Editora Escola da Cidade. Coleção outras palavras, vol. 2: São Paulo: ECidade, 2015.

RODRIGUES, Marly; TOURINHO, Andréa de Oliveira. Patrimônio, espaço urbano e qualidade de vida: uma antiga busca. *Oculum Ensaio*, v. 14, n. 2, p. 349–366, 2017.

SILVA, Maicyra Teles Leão e. O relacional em questão, mas ainda uma vontade de estar junto. **Revista Poiésis**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 25, p. 201-214, jul. 2015.

TAROCCHI, C. S. **Passagens Centrais**. 2022. Tese (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - FCT Faculdade de Ciências e Tecnologia - Câmpus de Presidente Prudente - Unesp, Presidente Prudente, 2022.

VIRILIO, P. **A cidade superexposta**. *Espaço e Debates*, n.33, p.10-17, 1991.

Catálogo na Publicação
Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

C749 Congresso Patrimônio Cultural: identidades e imaginário (2023 : São Carlos, SP)
Anais do Congresso Patrimônio Cultural: identidades e imaginário, 08 a 10 de maio de 2023 / editores: Paulo César Castral... [et al.]. – São Carlos-SP: IAU/USP, 2023.
463 p

ISBN: 978-65-86810-65-3

1. Arquitetura. 2. Patrimônio cultural. 3. Patrimônio arquitetônico. 4. Urbanismo. 5. Pesquisa. I. Castral, Paulo César, ed. II. Título.

CDD 720.63
